

JOGO DE PALAVRAS E DE IDEIAS: TRADUZINDO SÊNECA

Lucia Sá Rebello*

RESUMO: Traduzir um autor como Sêneca é sempre um desafio. Este trabalho faz uma breve análise sobre algumas traduções de obras de Sêneca, um mestre na redação de textos filosóficos. Sêneca escreveu cartas sobre a brevidade da vida e sobre a tranquilidade da alma, sobre o ócio, o luto e a ira. Estes textos tornaram-se clássicos da filosofia da época do império romano e retratam de maneira sóbria e aprofundada alguns dos principais problemas que atormentavam os filósofos daquele período.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução – Sêneca – Filosofia

RESUMEN: Traducir a un autor como Sêneca es siempre un desafío. Este artículo es un breve análisis de algunas de las traducciones de las obras de Sêneca, un maestro en la escritura de textos filosóficos. Sêneca escribió cartas sobre la brevedad de la vida y la tranquilidad del alma, sobre el ocio, el dolor y la ira. Estos textos se han convertido en clásicos de la filosofía en la época del Imperio Romano, y representan con seriedad y profundidad algunos de los principales problemas que plagaron los filósofos de la época clásica.

PALABRAS-CLAVE: Traducción - Sêneca – Filosofia

DE SÊNECA E DE SUA OBRA

(...) meu caro Lucílio, trata de viver cada dia como se fosse uma vida inteira. O homem que está assim preparado, aquele que viveu cada dia de sua vida plenamente, está tranquilo. Mas quem vive na esperança do amanhã, deixa escapar o presente.

Sêneca

Lúcio Anneo Sêneca nasceu em Córdoba, Espanha. Seu pai foi Anneo Sêneca, conhecido como Sêneca, o velho, conhecido como retórico e do qual restou apenas uma obra escrita, intitulada Declamações. Sêneca, o moço, foi educado em Roma, tendo estudado retórica ligada à filosofia. Em pouco tempo, tornou-se conhecido como advogado e ascendeu politicamente, passando a ser membro do senado romano e, mais tarde, questor.

Antes de abordar as obras de Sêneca, convém que falemos sobre o gênero epistolar. Chama-se epístola a composição datada e escrita por um indivíduo ou em

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora, lucia.rebello@terra.com.br

nome de um grupo com o objetivo de ser recebida por um destinatário. O termo tem uso antigo e constitui gênero literário importante a partir do conjunto de textos do Novo Testamento que ficaram conhecidos por epístolas. Assim, distingue-se uma epístola de uma carta comum, pois não se destina apenas à comunicação de fatos de natureza pessoal ou familiar, aproximando-se mais da crônica histórica que procura relatar acontecimentos do passado. A utilização do termo alarga-se, posteriormente, a todo o tipo de correspondência privada ou oficial, literária ou filosófica, religiosa ou política, tornando-se difícil estabelecer com rigor a diferença entre uma epístola e uma carta. À arte de escrever epístolas ou formas registradas de correspondência escrita entre indivíduos dá-se o nome de epistolografia.

Na literatura latina, são referências obrigatórias do gênero epistolar as Epístolas, de Horácio, as cartas de Varrão, Plínio, Ovídio e, sobretudo, de Cícero, que fixaram um modelo que foi fartamente imitado. Como referência obrigatória, deve-se fazer referência aos textos epistolares de Sêneca, cujo tom coloquial define que o estilo que melhor convém a uma carta não deve conter um acúmulo de conhecimentos dos diversos ramos do saber ou ser afetado.

Escritor e filósofo, Sêneca destacou-se por sua ironia, arma da qual se utilizava com muita sabedoria, principalmente nas tragédias, as únicas do gênero na literatura da antiga Roma. Conhecidas como versões retóricas de peças gregas, elas substituem o elemento dramático por efeitos violentos, como mortes em cena e discursos agressivos, demonstrando uma visão mais trágica e mais individualista da existência. Sêneca deixou a vida pública em 62 d.C. Dentre seus textos, constam a compilação científica *Naturales Quaestiones* (Problemas naturais), os tratados *De tranquillitate animi* (Da tranquilidade da alma), *De otio* (Da vida retirada) *De vita beata* (Da vida beata) e, talvez sua obra mais profunda, as *Epistolae Morales* dirigidas a Lucílio. As *Cartas Morais* (Aprendendo a viver), escritas entre os anos 63 d.C. e 65 d.C.

Sêneca foi um mestre na redação de textos filosóficos. Escreveu cartas sobre a brevidade da vida e sobre a tranquilidade da alma, sobre o ócio, o luto e a ira. Estes textos tornaram-se clássicos da filosofia da época do império romano e retratam de maneira sóbria e aprofundada alguns dos principais problemas que atormentavam os filósofos daquele período.

Em *Sobre a brevidade da vida*, fazendo uso de um estilo próprio, Sêneca desenvolverá temas como aprendizagem, a amizade, os livros, a morte. Esses se transformam em outros, tais como a possibilidade de atingir a tranquilidade da alma e os meios de fazê-lo; a supressão dos males do espírito com um controle dos instintos; a fuga das multidões e o isolamento; o controle das paixões como única forma de libertar o espírito da matéria; o desapego aos valores terrenos e materiais e a adoção radical da vida contemplativa do espírito.

Quanto ao tipo de discurso, cabe ressaltar que Sêneca, por estar se dirigindo a Paulino, que não tem qualquer formação filosófica, usa de um vocabulário mais simples que tem como único objetivo o de convencer o seu interlocutor a se iniciar nos estudos filosóficos.

Aprendendo a viver são cartas que Sêneca envia ao amigo Lucílio e que fazem parte de uma longa tradição do gênero epistolar, que se prolonga em autores modernos. Essas cartas, escritas entre os anos 63 e 65, misturam elementos epicuristas com ideias estoicas e contêm observações pessoais, reflexões sobre a literatura e crítica satírica dos vícios comuns na época.

Não se sabe se o amigo de Sêneca, Lucílio, existiu ou se configura apenas em mero interlocutor imaginário criado pelo filósofo para desenvolver a sua filosofia à maneira de diálogo, o que foi bastante comum durante muitos séculos.

Nas Cartas a Lucílio, Sêneca aborda diversas questões. É um otimista. Considera que todas as pessoas trazem consigo a semente de uma vida honesta, embora os bons exemplos exerçam um papel essencial na adoção das virtudes. A educação moral consiste em fazer com que os atos correspondam aos princípios éticos. Por vezes, a vontade é fraca ou deficiente. Assim, faz-se necessário um guia espiritual. O homem possui uma natureza que o predispõe quer para o bem quer para o mal e nem sempre possui a força de vontade e a sabedoria suficientes para optar pelo bem em detrimento do mal.

Sêneca traça um programa de heroísmo passivo, que exige uma reformulação da mente para que não se impressione com horror das dores, da miséria e da morte. Os homens devem auxiliar uns aos outros e viver em sociedade, professando o afeto e a estima. A natureza exige o amor dos elementos que a compõem. Causar dano a outro homem é algo irracional que vai contra a própria essência da natureza.

A morte não é um bem nem um mal, podendo se tornar uma libertação quando as circunstâncias da vida condenam o homem a uma escravidão incompatível com a liberdade. Dessa forma, está aberto o caminho para que o homem deixe a vida. Nada os obriga a viver na miséria ou no cativeiro.

Essas são apenas algumas das inúmeras questões tratadas nas 29 cartas de Sêneca dirigidas a Lucílio nesta obra. Sem dúvida, muitas das observações e conclusões que fazem parte dessas cartas poderiam ser aplicadas às inquietudes do mundo atual. Sêneca escreveu as mais belas máximas de pureza da vida; nele se uniram todas as perfeições do pensamento humano, a elevação do espírito e o entusiasmo pela virtude. As Cartas a Lucílio demonstram sua larga experiência e contêm as reflexões mais profundas sobre as contradições da condição humana.

Os tratados morais *De Otio* (Da vida retirada), *De tranquillitate animi* (Da tranquilidade da alma) e *De vita Beata* (Da Felicidade) configuram-se como exemplos das preocupações filosóficas de Sêneca.

O primeiro deles – *Da vida retirada* – visa a justificar a vida dedicada aos estudos, conciliando-a com os deveres da vida pública. O homem, que deve viver conforme a natureza, pode dedicar-se à meditação (*otium*), pois também pode ser útil a todos. De seu ponto de vista, se for possível, o homem deve ser útil a muitos; se não, a poucos; se nem a esses, aos mais próximos ou então a si mesmo. Somente assim terá conseguido realizar uma obra que possa ser considerada de valor.

Em *Da vida retirada*, Sêneca defende o afastamento de atividades públicas e político-administrativas e o recolhimento como imprescindíveis para que o homem

possa cumprir a sua missão de observar e julgar tudo pelo prisma do bem e da honestidade. Em suas palavras, “[...] aquele com plena capacidade física, antes de procurar problemas, pode colocar-se em segurança e, imediatamente, dedicar-se a artes nobres, vivendo em ócio justificado, cultivando virtudes que podem ser praticadas no mais absoluto retiro”.

Em *Da Felicidade*, Sêneca convida-nos a vencer os reveses da sorte, deixando de lado os prazeres, não valorizando as riquezas e eliminando aquilo que nos traz infelicidade. Afirma que a felicidade se constrói através da razão, da retidão, da harmonia com o universo. O filósofo defende uma vida sem abusos para evitar as doenças do corpo e da mente.

O texto é uma exortação de Sêneca ao seu irmão Galião e configura-se como uma apologia ao epicurismo. No tratado em questão, o filósofo aconselha o irmão a uma autonomia de pensamento, criticando a falta de opinião da maioria do povo. Segundo ele, é preciso pensar por si próprio, não se deixar conduzir, realizar o bem e não apenas aquilo que é frequentemente feito. A tranquilidade e a liberdade são o resultado de uma vida separada dos prazeres, do poder, das riquezas, da ostentação, da luxúria, da gula e dos males em geral. Deve-se praticar a virtude em detrimento do vício para ser feliz.

Do capítulo I até o XVI, Sêneca apresenta um conjunto de reflexões sobre a felicidade. No capítulo XVII, expõe as acusações contra ele e, nos capítulos seguintes, defende-se de acusações de seus inimigos. Em seu discurso, legitima a posse de seus bens enfatizando sua conduta em relação a eles. O discurso, que deixa de ser diretamente dirigido a seu irmão e se volta contra seus inimigos, está pautado na concretização da ação em meio às riquezas. Estas não são más, desde que não levem o indivíduo à sujeição pelo prazer.

Do seu ponto de vista, a posse de bens materiais oferece ao sábio mais formas de praticar a sua filosofia que a pobreza. Assim, o que diferencia o filósofo não é a ausência de bens, mas sua tentativa em praticar a virtude e evitar o prazer, mesmo que não tenha sucesso nessa jornada. O que importa é sua relação com esses bens, seu desapego à fortuna, seu desejo de alcançar a sabedoria.

Por sua vez, *Da tranquilidade da alma* reflete a dificuldade que é para o homem comum e também para o sábio manter a sua serenidade perante o espetáculo da injustiça e da baixaza, do qual todos os dias é testemunha. No entanto, o sábio não pode desprezar os maus, porque, em todos os tempos, as condições morais são quase sempre as mesmas. Se o mal é uma necessidade da vida, à qual os homens não se podem subtrair, não se deve odiá-los e, sim, aprender a respeitá-los. O sábio deve conservar-se afastado dos desejos sem limites e insaciáveis, procurar armar-se contra as desgraças, manter-se sereno mesmo perante as injustiças que observa ao seu redor.

Da tranquilidade da alma é um texto estruturado como um diálogo. Sereno, amigo do filósofo, dá início ao livro pedindo a ele que lhe faça esclarecimentos que minimizem sua angústia interior e o levem a um estado de tranquilidade da alma. O texto começa com uma carta imaginária, escrita por Sereno. “Eu te direi o que está me acontecendo e tu encontrarás um nome para essa doença.” Ao fim de suas considerações, ele afirma: “Às vezes, a minha alma se eleva com a magnitude do

pensamento, torna-se ávida por palavras e aspira às alturas. Assim, o discurso já não é mais meu. Esquecido das normas e dos critérios rigorosos, elevo-me e falo com uma boca que não é mais minha”. A partir daí, Sêneca vai, então, refletir sobre a maneira de contornar os obstáculos que impedem a paz.

Nestes três tratados filosóficos, Sêneca ensina a importância da reflexão interior e do afastamento das emoções carregadas de vícios, ambições e ânsia por poder e por bens materiais. Do seu ponto de vista, apenas dessa maneira pode-se viver serenamente e de modo pleno à procura pelo aprimoramento espiritual. Ou seja, dedicando-nos ao espírito, ao pensamento e à harmonia com a natureza, fonte de toda a vida.

Estes tratados revelam, portanto, que Sêneca foi, sobretudo, um moralista. A filosofia é para ele uma arte da ação humana, um remédio para os males da alma e um ensinamento que conduz os homens para o exercício da virtude. O centro da reflexão filosófica deve ser, portanto, a ética.

Sua concepção do mundo reproduz as ideias dos estoicos gregos sobre a estrutura verdadeiramente material da natureza. No entanto, a razão universal de filósofos gregos, como Cleanto e Zenão, transforma-se em Sêneca em um “deus” pessoal que está representado através da sabedoria, da previsão e da diligência, qualidades que devem influenciar as ações e o comportamento dos homens para que consigam que suas vidas transcorram de forma harmoniosa.

Portanto, deve-se cuidar para que não seja feita uma leitura equivocada da obra do grande filósofo latino, pois muitos diluem o sentido mais profundo de sua obra em uma espécie de filosofia paliativa, cujo único objetivo fosse ajudar os seus próximos a extinguir a dor do espírito ou pelo menos amenizá-la. Dessa forma, transformam sua simplicidade de propostas em superficialidade e o caráter mais profundo de sua filosofia, em um auxílio a desamparados de todas as latitudes.

Fazendo uso de um estilo próprio, Sêneca desenvolverá temas como a aprendizagem, a amizade, os livros, a morte. Esses se transformam em outros, tais como a possibilidade de atingir a tranquilidade da alma e os meios de fazê-lo; a supressão dos males do espírito com um controle dos instintos; a fuga das multidões e o isolamento; o controle das paixões como única forma de libertar o espírito da matéria; o desapego aos valores terrenos e materiais e a adoção radical da vida contemplativa do espírito.

Sêneca não é apenas um escritor clássico. Mais do que isso, é um autor que conseguiu forjar um modo de vida e uma concepção do mundo e do espírito em cujo núcleo se unem, inextricavelmente, a liberdade da consciência individual e o compromisso ético. Grande parte de sua ética está calcada na recusa de valores vigentes e da vida em sociedade, com tudo o que eles têm de falso.

TRADUZINDO SÊNECA

Este breve passeio pela obra traduzida de Sêneca teve como objetivo ressaltar um aspecto importante para o qual todo tradutor deve atentar, qual seja, o fato de que o valor dado às palavras é arbitrário e instável. Com o uso, esse valor vai se alterando de

tempos em tempos, seja de um lugar para outro, seja no interior de diferentes camadas sociais. Na realidade, quem exerce uma função inquestionável na fixação do valor das palavras é o tempo. O tradutor de textos clássicos – aqui me refiro a textos latinos – defronta-se, portanto, com uma questão de escolha de estilo, ou seja, deve optar pelo valor estilístico das palavras dos autores daqueles textos, ou pelo valor estilístico que é atribuído a essas mesmas palavras hoje.

Sabe-se que o tradutor, além de mediar, transpõe e adiciona sentidos através de dois sistemas. Hoje, já não se pode mais entender uma tradução como simples transferência de código linguístico, mas como uma transposição que integra o contexto cultural e a percepção do mundo e das coisas, mesmo em se tratando da língua latina. Portanto, o tradutor deverá estar atento à estrutura do discurso como um todo, o qual traz em si os valores do autor do texto original e, dessa forma, empregar estratégias textuais que permitam transmitir esses valores presentes na função discursiva da língua-fonte para a língua-alvo. Assim, o tradutor, já considerado, então, co-autor, estará em contato com uma mensagem original e, a partir de sua tradução, transformará a mesma em outra, na língua-alvo, podendo esta não ser, sempre, idêntica àquela.

Evidentemente, entra em jogo, nessa estratégia tradutória, a questão do processo interpretativo que vai sendo delineado a partir de sua “leitura” do texto-fonte. Portanto, fica evidente que, ao assumir um papel de co-autor, o tradutor assume, também, estarem suas escolhas diretamente vinculadas a si próprio e à sua comunidade, ou seja, à comunidade a quem se dirige aquela tradução, carregando valores do grupo social e da cultura aos quais ele também pertence. Assim, traduzir é entrar em um universo permeado por relações que se inter cruzam, se interpenetram e que, às vezes, geram um novo texto.

Mary Beard e John Henderson (1998) problematizam os estudos da Antiguidade Clássica, questionando que interesses nos direcionam para o estudo dos clássicos, com que finalidade este estudo é feito e até que ponto esses interesses e finalidades não estão, eles próprios, projetados em nosso objeto. A cultura ocidental emprega e empregou, nas inúmeras recepções da Antiguidade, o legado clássico como parâmetro para suas próprias formas de representação. A compreensão e a utilidade que se dá aos estudos clássicos não é a mesma em momentos sucessivos da história, muda no mesmo passo em que muda a compreensão que temos de nossa própria cultura, no mesmo passo em que mudam as instituições e o todo da sociedade; é continuamente proposta segundo os lugares que destinamos a serem ocupados pelos clássicos.

Do ponto de vista desses autores, a cristalização de significados que se atribui ao legado da Antiguidade, como se permanecessem sempre os mesmos, imutáveis, independente da posição em que se está como receptores, traiçoeiramente oculta as diferenças entre o nosso e o mundo antigo, confirmando semelhanças questionáveis. Talvez fosse mais honesto com os clássicos, e menos autoritário, considerar a diferença e, para haver uma aproximação dela, investigar como os autores ditos clássicos pensavam sua cultura e representavam suas instituições. Não deixará de ser proveitoso observar, nesse empreendimento, que as formas a que durante séculos de estudos clássicos reduzimos os resíduos da Antiguidade, submetendo-os a procedimentos

analíticos que ignoravam seus códigos de produção, podem revelar mais de nós mesmos do que dos romanos ou dos gregos. Para os autores, ao lermos textos antigos, inevitavelmente nos envolvemos em uma discussão com os escritores antigos que, por seu lado, estão discutindo a sua própria cultura.

Não há dúvida de que se pode apreciar a literatura antiga. É correto também que se utilizem os textos antigos para colher dados sobre a Antiguidade, uma vez que não se podem conhecer os fatos do mundo antigo sem a sua ajuda. Porém, deve-se ter claro que os clássicos representam muito mais do que isso. Estabelecem um compromisso com uma cultura que já se comprometera em refletir, debater e estudar tanto a si mesma, como a questão de saber o que vem a ser uma cultura.

Voltando à obra de Sêneca, para finalizar, importa sublinhar que será jogando com palavras e com ideias que ele vai apresentar seu pensamento. Sem dúvida, é um jogo que, por vezes, esconde suas intenções, mas deixa pistas, indícios, e, por outras, se mostra através de uma reflexão direta e simples, levando a crer em uma superficialidade que não é real. É importante, pois, que estejamos alerta para conseguir perceber as pistas que são deixadas nas entrelinhas de seu texto. Dessa forma,

estaremos diante de um texto que se presta ao convencimento, preocupado com a conversão do outro e que, por isso, por vezes, esconde-se propositalmente, no entanto, não estaremos diante de um texto ingênuo, cujas afirmações não merecem uma análise mais detida (LIMA, 2004. p. 2).

É somente assim, repetimos, seguindo suas pistas e indícios, que podemos compreender suas ideias sem nos deixar enganar por um discurso aparentemente sem compromisso.

REFERÊNCIAS

- BEARD, Mary; HENDERSON, John. *Antiguidade clássica: uma brevíssima introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LIMA, A. C. Sêneca - Aproximações. In: *Notandum*, ano VII, n. 11, 2004. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand11/index.htm>>. Acesso em: ago. 2011.
- SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Trad. Lúcia Sá Rebello; Ellen Itanajara Neves Vranas; Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- SÊNECA. *Aprendendo a viver*. Trad. Lúcia Sá Rebello; Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- SÊNECA. *Da tranquilidade da alma*. Trad. Trad. Lúcia Sá Rebello; Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: L&PM, 2009.